

REFERÊNCIAS DO ARTIGO: MATOS, Sérgio Ricardo Reis; ZARY, Julio Cezar Fidalgo. A Revista do Exército Brasileiro no alvorecer da Primeira Guerra Mundial. **Revista do Exército Brasileiro**, v. 150, 3º quadrimestre de 2014. pp.60-72. Disponível em: <<http://pt.calameo.com/read/003485864acf4aa86fe21>>.

A REVISTA DO EXÉRCITO BRASILEIRO NO ALVORECER DA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL: O DEBATE SOBRE A DOUTRINA MILITAR BRASILEIRA

Maj Sérgio Ricardo Reis Matos¹
Maj Julio Cezar Fidalgo Zary²

1. INTRODUÇÃO

A 1ª Guerra Mundial foi uma conflagração bélica colossal, ocorrida entre a Tríplice Entente (França, Inglaterra e Rússia) e as potências centrais (Alemanha, Império Austro-Húngaro, Império Otomano), entre os anos de 1914 e 1918. Ao longo da guerra, o confronto alcançou proporções mundiais, envolvendo nações de outros continentes, como Brasil, Cuba, Estados Unidos da América, Itália e Japão.

Esse evento incitou o debate sobre o modelo de doutrina que o Brasil deveria seguir. Nas palavras de McCann (2009, p. 214), “os oficiais brasileiros observaram, fascinados, os dois exércitos-modelos, o alemão e o francês, testarem homens, equipamentos, organização, estratégias e táticas, um contra o outro”.

As publicações do Exército não estavam alheias a esse debate, entre elas a Revista do Exército Brasileiro, então Boletim Mensal do Estado-Maior do Exército. A primeira edição do Boletim Mensal é de abril de 1911, publicada pela Imprensa Nacional como periódico militar oficial brasileiro. O editorial dessa primeira edição ressaltou que a verdadeira alma do Exército era a necessidade de uma doutrina uniforme e única.

Nessa moldura, o objetivo deste trabalho é apresentar o debate sobre qual doutrina militar o Brasil deveria seguir no período que antecedeu a 1ª Guerra Mundial (1911-1914).

A pesquisa foi operacionalizada pela análise de conteúdo nos acervos da “Revista do Exército Brasileiro” de 1911 a 1914, cujos números foram localizados na Biblioteca Franklin Dória¹. A análise foi qualitativa, baseada em Bardin (1977), a partir

¹ Major de Infantaria, aluno do Curso de Alto Estudos Militares da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Mestre em Relações Internacionais e Integração pela Universidad Mayor de San Andrés, Mestre em Operações Militares pela Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais.

² Major de Infantaria, aluno do Curso de Alto Estudos Militares da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Mestre em Fisiologia do Exercício pela Universidade Castello Branco, Mestre em Operações Militares pela Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais.

REFERÊNCIAS DO ARTIGO: MATOS, Sérgio Ricardo Reis; ZARY, Julio Cezar Fidalgo. A Revista do Exército Brasileiro no alvorecer da Primeira Guerra Mundial. **Revista do Exército Brasileiro**, v. 150, 3º quadrimestre de 2014. pp.60-72. Disponível em: <<http://pt.calameo.com/read/003485864acf4aa86fe21>>.

dos seguintes passos: descrição dos textos, interpretação dos fatos e inferência.

2. ACHEGAS HISTORIOGRÁFICAS

O sistema de equilíbrio de poder dominou a diplomacia europeia nos séculos XVIII e XIX. Era um período em que as identidades nacionais eram construídas “pela formação e pela dissolução, voluntária ou forçada, de laços entre si, de maneira cooperativa ou posicionando-se uns contra os outros” (LIMA, 2013, p. 233). Segundo Kissinger (2000), o método tradicional de diplomacia era o posicionamento contrário a qualquer processo de identificação nacional, conduzindo a provas de força, uma após outra.

Nas palavras de Ricupero (2006, p. 118, grifos do autor):

A rivalidade por colônias e protetorados, que por pouco não provoca um choque entre França e Grã-Bretanha no incidente de Fadocha ou entre a Alemanha e França em Agadir; a disputa pelo espólio otomano entre Áustria e Rússia nos Bálcãs; a corrida armamentista desenfreada; a emulação naval entre alemães e britânicos; a exacerbação dos nacionalismos eram a face oculta da lua, o lado sombrio e ameaçador da *Belle Époque*.

Enfocando a ascensão da identidade alemã, cabe destacar o que Chéradame (1917) identificou como Plano Pangermânico: estabelecimento de uma vasta confederação na Europa Central, tornando-se um imenso *Zollverein*, com a submissão política e militar da Holanda, Bélgica, Luxemburgo, Suíça, Polônia, Rússia, Províncias Bálticas, Estônia, Livônia, Curlândia, Áustria e Hungria, totalizando uma área de 4.015.146 km².

Chéradame também apontava que o Brasil, apesar de não ser parte integrante daquele Plano, era especialmente cobiçado pela Alemanha. Uma parte considerável dos alemães residentes na América do Sul estaria concentrada no sul brasileiro, onde o Império Alemão reservara a quantias para o estabelecimento e recrutamento do pessoal das escolas alemães existentes naqueles Estados. Para Pires (2011), o “perigo alemão”, no Brasil, localizava-se estritamente na região Sul.

Enquanto isso, o Exército Brasileiro, entre os anos de 1906 e 1910, enviou três turmas de oficiais estagiaram, por dois anos consecutivos, na Alemanha (CARVALHO, 1977). Nesse ínterim, em 1909, Marechal Hermes da Fonseca, Ministro da Guerra brasileiro, foi convidado para visitar o Império Alemão, sendo tratado com homenagens (LUNA, 2007). Na iminência da guerra, outro fato foi relevante: a visita de uma divisão

REFERÊNCIAS DO ARTIGO: MATOS, Sérgio Ricardo Reis; ZARY, Julio Cezar Fidalgo. A Revista do Exército Brasileiro no alvorecer da Primeira Guerra Mundial. **Revista do Exército Brasileiro**, v. 150, 3º quadrimestre de 2014. pp.60-72. Disponível em: <<http://pt.calameo.com/read/003485864acf4aa86fe21>>. naval alemã completa ao Rio de Janeiro (SANTOS, 1931).

Por sua vez, o Governo francês também buscou aumentar sua aproximação militar com o Brasil, a partir de 1905, o que culminou com a contratação da Missão Militar Francesa para a Força Pública do Estado de São Paulo e, também, uma missão veterinária militar, que tinha como finalidade estudar a situação da cavalaria do Exército (DOMINGOS, 2001). Assim que eclodiu o grande conflito, o Brasil declarou neutralidade em relação aos países beligerantes ainda em 1914, a despeito da forte propaganda realizada por ambos os lados (VINHOSA, 1990).

Nas fileiras do Exército, havia divergências sobre de que lado o Brasil deveria entrar na guerra, ou qual era a melhor doutrina militar terrestre a ser adotada para a modernização da força terrestre, extremamente defasada naquele momento. A referida dúvida fora momentaneamente dirimida no momento em que submarinos alemães afundaram navios mercantes brasileiros, obrigando o Brasil a posicionar-se em favor dos aliados.

Então, o Brasil participou da Guerra com uma Divisão Naval de Operações em Guerra (oito embarcações); com um grupo de aviadores (13 militares); com uma missão militar médica, que mobilizou um Hospital com 100 médicos; assim como 28 observadores militares, que chegaram a combater ao lado de *l'Armée française* (MENDONÇA, 2008). A seguir, este trabalho apresentará o debate na Revista do Exército Brasileiro.

3. REVISTA DO EXÉRCITO BRASILEIRO (1911 – 1914)

A Revista do Exército Brasileiro, então Boletim Mensal do Estado-Maior do Exército, era organizado nas Notas Editoriais, que representavam o pensamento da Comissão de Redação e do Estado-Maior do Exército; nas contribuições de autores; e em uma Seção “Noticiário”, que era a compilação de matérias selecionadas de diversas permutas. Por norma, deveria ser remetido gratuitamente a todos os oficiais do Exército.

Em seu primeiro número e volume, Emílio Sarmiento (1911), no artigo “As ‘esquadras’ como elementos fundamentaes da nossa Infantaria”, asseverou que o Exército poderia adaptar, de forma conveniente, o que estava em vigor nos países militares mais adiantados. Sua assertiva é de fundo doutrinário germanófilo, pois o

REFERÊNCIAS DO ARTIGO: MATOS, Sérgio Ricardo Reis; ZARY, Julio Cezar Fidalgo. A Revista do Exército Brasileiro no alvorecer da Primeira Guerra Mundial. **Revista do Exército Brasileiro**, v. 150, 3º quadrimestre de 2014. pp.60-72. Disponível em: <<http://pt.calameo.com/read/003485864acf4aa86fe21>>.

tema do artigo é uma tese originalmente alemã.

O autor concluiu o artigo afirmando que:

o trabalho de adaptação dos grupos à nossa infantaria está feito com todos os detalhes no *Regulamento de exercícios para infantaria*, já mandado adotar pelo Ministério da Guerra; e nos parece que tal adoção representa para a arma um progresso inadiável (SARMENTO, 1911, p. 37, grifos do autor).

A adaptação, nesse caso, era o casamento da doutrina alemã com a realidade brasileira, demonstrando sua influência na normatização de manuais para o Exército.

No número 3 do volume 1, de junho de 1911, as notas editoriais dispõem 4 páginas para apresentar o novo quinquenal militar alemão. Trata dos efetivos, do aumento do número de Unidades e de outras medidas para que a Alemanha reparasse negligências e preenchesse lacunas para alavancar seu desenvolvimento militar.

Esse Editorial descreveu como foi a aprovação do projeto quinquenal pelo parlamento alemão. Nas diversas seções, algumas retóricas chamam a atenção: “já exprimi a idéia de que era preciso considerar as despesas feitas para a defesa nacional como uma ‘prestação de seguro’” (1911; p. 124); “a paz do mundo repousa nas bayonetas alemãs” (1911; p. 124).

A seu turno, as notas editoriais do n. 4 do v. 1, de julho de 1911, caracterizaram, detalhadamente, as provas hípicas realizadas na França, por sua Cavalaria, em abril de 1911. O Editorial compila o discurso do Ministro da Guerra francês, Maurice Berteaux:

Desde os maiores chefes até os mais modestos de seus soldados, é animado dos mesmos sentimentos de amor pela França, de dedicação às instituições republicanas e sempre pronto a sacrifícios para a supremacia e para grandeza da Patria (p. 213).

A publicação de um discurso de exaltação ao Exército francês por seu Ministro da Guerra, no Editorial do veículo propagador oficial da doutrina militar terrestre brasileira, denota o respeito às tradições francesas pelo Exército Brasileiro. O editorial ainda comenta que esse exemplo de patriotismo francês deveria ser modelo para o Brasil, identificando o serviço militar obrigatório francês como modelar.

Na seção Noticiário do n. 5 do v. 1, são apresentados tanto a reforma do Exército francês, que iniciara a instrução de oficiais do Estado-Maior; quanto um telegrama de agradecimento do Marechal alemão Von der Goltz à Escola Superior de Guerra argentina, escola onde o Marechal fora comissionado. Nessa correspondência, o alemão chega a registrar votos de proeza à Grande Argentina.

Nota-se, por conseguinte, que a propaganda no Boletim abrangia tanto

REFERÊNCIAS DO ARTIGO: MATOS, Sérgio Ricardo Reis; ZARY, Julio Cezar Fidalgo. A Revista do Exército Brasileiro no alvorecer da Primeira Guerra Mundial. **Revista do Exército Brasileiro**, v. 150, 3º quadrimestre de 2014. pp.60-72. Disponível em: <<http://pt.calameo.com/read/003485864acf4aa86fe21>>.

Alemanha, quanto França. Sabendo, todavia, que a França seguia o modelo alemão de Estado-Maior e que a Argentina, contra a qual o Brasil possuía sua mais crível hipótese de guerra, já emanava relações de instrução militar com a Alemanha, pode-se supor a relevância, intencional ou não, da influência alemã na escolha de notícias para o Boletim.

Na mesma edição, o artigo “Influencia do methodo geológico no estudo da geografia militar”, do Capitão Eduardo Trindade (1911), enfatiza que a Alemanha, desde os trabalhos de Ritter, Peschel, Ratzel e Richthofen, era a “pátria da geografia científica” (p. 388). Sua ideia de transplantar para as páginas do Boletim o programa das aulas de geografia militar com base no método alemão era justamente para divulgar esse novo rumo. Assume-se, por conseguinte, uma postura alemã, também, na Geopolítica.

A edição de novembro de 1911 (v. 2, n. 2) trouxe à baila o tema “A reforma do ensino militar” em suas notas editoriais. O estudo foi elaborado por uma comissão, que comparou o ensino militar em três países: Alemanha, Argentina e França. O parecer concluiu que o “ensino militar na Alemanha tem servido de modelo para a reorganização dos institutos congeneres em quasi todos os paizes” (p. 110), enquanto o modelo francês recebeu críticas no que tange ao longo tempo de formação, à dualidade de origem dos oficiais e ao fato de a Escola Superior de Guerra não preparar recursos humanos para o alto comando.

Por retratar o pensamento oficial do Exército, em plena presidência de Marechal Hermes, o parecer reflete que, tecnicamente, a Força estava propensa a admitir uma missão alemã no Brasil. Ademais, o relatório orientava criar uma Escola Superior de Guerra conforme o modelo alemão.

A seção Noticiário dessa edição também divulgou a realização de uma marcha de 100km, a cavalo, realizada pelo Exército francês, assim como comentou experimentações sobre o uso de bicicletas em combate. Trouxe, ainda, a informação que o Ministro da Guerra, General Menna Barreto, pretendia mandar publicar e distribuir a tradução da publicação alemã “Mappa para instrução do soldado”, a fim de que as unidades brasileiras encontrassem subsídios para sua instrução prática. Mais uma vez, notam-se a deferência à tradicional cavalaria francesa, bem como a aplicabilidade da instrução militar geral alemã.

No Boletim de dezembro de 1911 (n. 3, v. 2), Albuquerque (1911), no artigo

REFERÊNCIAS DO ARTIGO: MATOS, Sérgio Ricardo Reis; ZARY, Julio Cezar Fidalgo. A Revista do Exército Brasileiro no alvorecer da Primeira Guerra Mundial. **Revista do Exército Brasileiro**, v. 150, 3º quadrimestre de 2014. pp.60-72. Disponível em: <<http://pt.calameo.com/read/003485864acf4aa86fe21>>.

“Defesa Nacional”, destacou o exemplo admirável que a França prestava ao desenvolver o modal ferroviário tanto para o crescimento econômico quanto para a Defesa Nacional. O autor incitou que o Brasil deveria imitar esse modelo francês, tendo o Estado o papel de impulsionar diversas providências, como incrementar as ligações ferroviárias do Porto de Santos. Notam-se achegas ao modelo de pensamento estratégico francês.

A edição ainda abarcou o artigo “O Serviço de Estado-Maior”, uma tradução do primeiro capítulo da obra de mesmo nome do alemão de De Von Schellendoff, denotando a importância que a publicação dispensava à metodologia alemã.

Na edição de janeiro de 1912 (v. 2, n. 4), o Capitão Padilha (1912a) escreveu o estudo “A evolução da tática na Alemanha”, identificando detalhes sobre o adestramento da Infantaria, Cavalaria e Artilharia germânicas. Citou inclusive que, nas manobras, a orientação era que o partido oponente defendesse utilizando a doutrina francesa. Considerando que Padilha era francófilo, este texto indicava seu conhecimento e respeito à doutrina alemã, a qual não defendia para implantação no Brasil.

Ademais, a edição trouxe o artigo “Ensinamentos práticos sobre os serviços em campanha”, escrito pela 1ª Seção do Estado-Maior, que é uma adaptação do Regulamento de Campanha francês. Nota-se, assim, a presença abrangente de ambas as correntes militares aqui estudadas.

Por fim, a edição noticiou a contratação de uma missão militar alemã pelo governo boliviano. Citou os nomes de cada membro da missão, indicando que o chefe da missão se tornou o Chefe do Estado-Maior Geral do Exército e concluindo que o “trabalho da comissão alemã é justamente reconhecido e apreciado por todos que se interessam pelas cousas militares do seu paiz” (p. 364). Tal notícia certamente moldou a opinião e o debate de seus leitores.

O Boletim de fevereiro de 1912 (n. 5, v. 2) compreendeu o artigo “Se houvesse guerra”, do francês Rousset, traduzido por Dias de Oliveira. De forma prospectiva, o trabalho indicou que “a futura guerra de que nada no passado pode dar uma ideia mesmo aproximada, não se limitará somente á grande colisão entre a França e a Alemanha” (p. 515). Em seguida, tratou do apoio que Inglaterra e Rússia prestariam à França para combater a tríplice aliança Alemanha, Áustria e Itália. Foi uma contribuição pró-França que, diante dos fatos ocorridos a partir de 1914, ajudou a influenciar o

REFERÊNCIAS DO ARTIGO: MATOS, Sérgio Ricardo Reis; ZARY, Julio Cezar Fidalgo. A Revista do Exército Brasileiro no alvorecer da Primeira Guerra Mundial. **Revista do Exército Brasileiro**, v. 150, 3º quadrimestre de 2014. pp.60-72. Disponível em: <<http://pt.calameo.com/read/003485864acf4aa86fe21>>.

debate doutrinário para o mesmo viés.

O primeiro número do volume 3 do Boletim, de abril de 1912, possuiu, em suas notas editoriais, uma conferência realizada no Clube Militar pelo Chefe do Estado-Maior, General Caetano de Faria, cujo tema foi “O Oficial como educador: sua missão social”. Nesse texto, Gen Faria fez citações ao modelo e a discursos alemães, como: “já expressei aqui a idéia de que é preciso considerar as despesas feitas para a defesa nacional como uma prestação de seguros” (p. 25), ratificando a influência alemã no seio do Estado-Maior do Exército.

Essa mesma edição publicou o relatório do Adido Militar do Brasil na Alemanha, tratando das Manobras Imperiais realizadas na Alemanha em 1911²; a tradução de um discurso do alemão Conde de Schlieffen, referente ao centenário da Academia de Guerra de Berlim; a tradução do modelo alemão para a realização de exames de ingresso à Academia de Guerra de Berlim, intitulado “Themas Táticos”; um outro artigo sobre as manobras imperiais alemães, cujo título é “A cavalaria, os dirigíveis e aeroplanos como instrumentos de reconhecimento”, firmado pelo Capitão Rodrigues em Kolberg, na Alemanha. As notas de fim desse último artigo ainda discordam do posicionamento pró-França de uma publicação do Capitão Padilha.

O próprio Capitão Padilha, no artigo “Pela Infantaria” do Capitão Padilha (1912c), traz suas ponderações:

Tivemos a grata nova de que brevemente será publicado o regulamento de manobras para nossa infantaria. E já era tempo (...) Depois da reorganização do nosso exercito e ao tempo em que, *mais intensa lavrava nelle a preocupação pelas coisas militares da Allemanha*, foi mandado adoptar pela nossa infantaria o *regulamento alemão*, apenas com ligeiras modificações. Que essa idéa foi desastrosa e de resultados completamente negativos, não é preciso dizer aqui, pois isso está no conhecimento de todo o exercito. *Não é que o regulamento alemão seja máo, não. Julgamol-o até excellente, mas... para os alemães.*

(...) estudamos quatro regulamentos de infantaria, e *o que mais nos agradou foi o francez* (p. 82) (...)

Esse regulamento define com muita clareza as atribuições de todos os postos, e determina que aos comandantes de unidades é que cabe dar-lhes a instrucção correspondente (...) O referido regulamento francez, dá, com justa razão, uma importância extraordinária á instrucção individual, por ser a base sobre que repousa todo o edificio de uma bôa e solida instrucção collectiva. Nessa escola, o artigo que trata do atirador no combate, é *o que há de melhor sobre o assumpto* (PADILHA, 1912c, p. 83, grifos nossos).

Em face do exposto, verifica-se que o Boletim, nessa época, possuía artigos mais tendentes a seguir a doutrina alemã, que, de fato, já eram traduzidos nos regulamentos em vigor. Não obstante, a Revista admitia o contraponto, no caso francês, que era, quantitativamente, menos presente na publicação.

REFERÊNCIAS DO ARTIGO: MATOS, Sérgio Ricardo Reis; ZARY, Julio Cezar Fidalgo. A Revista do Exército Brasileiro no alvorecer da Primeira Guerra Mundial. **Revista do Exército Brasileiro**, v. 150, 3º quadrimestre de 2014. pp.60-72. Disponível em: <<http://pt.calameo.com/read/003485864acf4aa86fe21>>.

O Boletim nº 3, de junho de 1912 (v. 3), iniciou a publicação de trechos da tradução do Livro francês “Alimentação e reabastecimento dos exércitos em campanha”, escrito por Peyrolle, da Escola Superior de Guerra da França. É recorrente a preferência pela doutrina francesa quando o assunto era a Logística.

Além desse texto, há mais um pró-França, escrito por Padilha (1912b), no qual ele expõe o modo de combater das infantarias inglesa e francesa, a partir das categorias “fogo” e “movimento”. O Capitão concluiu que “o regulamento francez (está) mais de acordo com os ensinamentos colhidos nas ultimas guerras e por isso lhe damos preferencia” (p. 320)³.

Em setembro de 1912 (n. 6, v. 3), as Notas Editoriais do Boletim publicaram trechos do relatório do Adido Militar do Brasil na França, indicando como exemplar a atitude francesa de tornar seu Exército em um elemento de real utilidade de valor nos momentos de crise.

Nessa edição, Coutinho (1912) publicou o artigo “Ligeiras considerações sobre o novo Regulamento de Exercícios para Infantaria”, que apresentou a evolução desse manual desde 1892. O fragmento seguinte caracteriza a discussão da adoção de manuais traduzidos do alemão:

Como sempre, o Brazil atrazou-se um pouco e apesar da nova organização dada á infantaria e dos progressos realizado nos últimos anos, o regulamento de manobras de 1907 manteve-se até novembro de 1910 em que foi mandado imprimir e adoptar o regulamento alemão, de 1906, traduzido pelo distincto major Emilio Sarmento.

O regulamento alemão só foi experimentado na guarnição da Capital Federal e divergiram as opiniões dos varios commandantes de unidades, ouvidos a respeito.

Embora se tratasse de uma obra prima cuidadosamente traduzida por um dos mais competentes officiaes do exercito, que procurou pôl-a de accôrdo com a organização da nossa infantaria, a adopção do regulamento alemão de 1906 trouxe, a par da grande vantagem de despertar a atenção dos officiaes da arma para os modernos processos de instrucção e de combate, o grave inconveniente de ser a transplantação de um regulamento táctico para um *meio* radicalmente diferente daquele para o qual foi feito (p. 601, grifo do autor).

Questiona-se, dessa maneira, uma imposição doutrinária estrangeira sem considerar a identidade e os meios locais⁴. Por conseguinte, a nova edição desse regulamento, na visão de Coutinho (1912), corroborou com o pensamento já exposto do francófilo Capitão Padilha (1912c): o regulamento alemão é excelente, para os alemães.

Ainda assim, em quatro números⁵ do Boletim, em que recortes de seu artigo foram publicados, Coutinho apresentou benesses do regulamento e dos critérios

REFERÊNCIAS DO ARTIGO: MATOS, Sérgio Ricardo Reis; ZARY, Julio Cezar Fidalgo. A Revista do Exército Brasileiro no alvorecer da Primeira Guerra Mundial. **Revista do Exército Brasileiro**, v. 150, 3º quadrimestre de 2014. pp.60-72. Disponível em: <<http://pt.calameo.com/read/003485864acf4aa86fe21>>.

alemães, que deveriam ser seguidas pelo Exército nacional, enquanto o regulamento francês era impreciso e incompleto, como se vê a seguir:

2º - O regulamento francez limita-se a dizer: 'após a abertura do fogo, a marcha prossegue por lances... Os chefes das diferentes fracções precedem sua tropa e a arrastam para a frente'.

'O regulamento alemão, mais preciso, indica como o lance deve ser executado pelo chefe e pela tropa e determina a amplitude que o lance deve ter, de acordo com o effectivo da tropa e as circunstancias' (...) (COUTINHO, 1912, p. 181-182)⁶.

Por outro lado, o posicionamento de Coutinho sobre não simplesmente transplantar a doutrina alemã também reforçava a diretriz do Gen Faria, então Chefe do Estado-Maior, conforme McCann (2009): enviar oficiais ao exterior para conhecer outras doutrinas e adaptá-las ao Brasil, e não, puramente, receber, de uma missão, a doutrina estrangeira.

O primeiro boletim do ano de 1913 (n. 1, v. 5) abarcou recorte do artigo “Notas sobre a Infantaria allemã”, uma contribuição de Estevão Leitão de Carvalho, Tenente que estagiou em Thuringia, na Alemanha. A totalidade desse artigo ocupou oito números da revista, demonstrando quanto interessava o tema alemão para o Estado-Maior do Exército.

Ao passo que a edição de fevereiro de 1913 (n. 2, v. 5) compreendeu um recorte do texto “Impressões de manobras de Exercito: a proposito das do exercito francez em 1912”, do Capitão Montarroyos. A continuação desse documento esteve presente em seis números do Boletim, indicando, mais uma vez, que o pensamento pró-Alemanha no Estado-Maior não era único.

Não obstante, deve-se considerar que, no âmbito do Exército, conforme McCann (2009), a média anual de retiradas de livros em francês na Biblioteca do Exército entre 1910 e 1918 foi de 1077, em contraste com apenas dezoito livros em alemão. Fazendo uma comparação inicial entre esse registro e o que era publicado no Boletim, verifica-se que o Estado-Maior priorizava publicações sobre a doutrina alemã de forma muito mais significativa do que os oficiais da tropa a compreendiam.

Na seção “Notas Bibliográficas” do Boletim n. 3 de março de 1913, publicou-se a resenha do livro “Regulamento de manobras para a arma de infantaria”, de autoria do Tenente Coelho Ramalho, oficial que estagiou na Alemanha por dois anos. O Livro, editado em Leipzig, foi considerado uma obra de observação e de assimilação, de análise e de adaptação, e não uma mera tradução de publicações germânicas.

Em abril de 1913, o Boletim (n. 4, v. 5) publicava o artigo “A agua potavel e um

REFERÊNCIAS DO ARTIGO: MATOS, Sérgio Ricardo Reis; ZARY, Julio Cezar Fidalgo. A Revista do Exército Brasileiro no alvorecer da Primeira Guerra Mundial. **Revista do Exército Brasileiro**, v. 150, 3º quadrimestre de 2014. pp.60-72. Disponível em: <<http://pt.calameo.com/read/003485864acf4aa86fe21>>.

exercito em campanha”, do Major Médico Carvalho e Albuquerque. O trabalho apresentou diversas citações com origem na Academia de Ciências de Paris, evidenciando, de forma implícita, tendência de priorizar o modelo francês na Logística.

O primeiro número do sexto volume, de julho de 1913, trazia o texto “Thema de Tiro de Artilharia”, recorte do manual alemão de Artilharia de Campanha, demonstrando, novamente, tendência germanófila. Além disso, noticiou a criação de unidades na Alemanha, assim como anunciava a nova organização para infantaria francesa, em caso de guerra. Para um leitor mais atento, à época, poderia perceber que os prenúncios da Guerra Mundial começavam a se configurar.

O Boletim de agosto de 1913 (n. 2, v. 6) dava destaque à contribuição “Serviço de saúde em campanha. A cirurgia de guerra nos Balkans. Importancia do pacote individual e dos methodos cirúrgicos francezes”, do General de Brigada médico Affonso Faustino. Versou, portanto, sobre a metodologia francesa da Logística de Saúde, referência constante na REB daquela época.

A edição ainda trouxe a contribuição “Julgamento do resultado no tiro colectivo de combate”, tradução da permuta alemã, elaborada por Leitão de Carvalho, assim como o Relatório do Tenente Luiz do Santos Sarahyba, que se encontrava em missão em um regimento de infantaria na Alemanha, o qual descreveu ensinamentos alemães aplicáveis à infantaria brasileira.

Se a infantaria alemã era considerada modelo, o Serviço de Saúde francês estava no estado da arte para a realidade brasileira. O debate sobre a vinda de uma missão estrangeira naquele período pré-guerra também alcançava essas peculiaridades: a infantaria alemã ou a saúde (logística) francesa?

A edição de setembro de 1913 (n. 3, v. 6), mais uma vez, trouxe um texto sobre a Infantaria alemã, assinado pelo Tenente Leitão de Carvalho. Esse artigo foi uma conferência proferida pelo oficial em uma reunião no Clube Militar e preencheu 19 páginas daquele número, sem contar que o trabalho continuou no número seguinte.

No ano de 1914, o primeiro número do volume sete publicou partes traduzidas do livro alemão “As principaes escolas de equitação européas”. A tradução foi feita por Bertholdo Klinger, oficial que, junto com De Carvalho, teve papel protagonista na fundação da germanófila revista “A Defesa Nacional” naquele ano. Ou seja, as ideias pró-Alemanha ganhariam um espaço ainda maior do que suas recorrentes publicações no Boletim do Estado-Maior.

REFERÊNCIAS DO ARTIGO: MATOS, Sérgio Ricardo Reis; ZARY, Julio Cezar Fidalgo. A Revista do Exército Brasileiro no alvorecer da Primeira Guerra Mundial. **Revista do Exército Brasileiro**, v. 150, 3º quadrimestre de 2014. pp.60-72. Disponível em: <<http://pt.calameo.com/read/003485864acf4aa86fe21>>.

O Noticiário daquele número ainda divulgou aspectos da organização e efetivos da infantaria francesa, as estatísticas da condenação de espiões na Alemanha, o aumento dos efetivos do Exército alemão, a implementação da frota aérea e da Aeronáutica militar na Alemanha, e o planejamento das “grandes manobras de 1914” pela Alemanha. Comparativamente, publicavam-se muito mais notícias alemãs que francesas, o que pode ser justificado pela maior quantidade de germanófilos no Estado-Maior do Exército, bem como pelo destacado crescimento da Alemanha como potência militar terrestre mundial.

A edição de fevereiro de 1914 (n. 2, v. 7) trouxe as conclusões de Klinger sobre o livro alemão “As principais escolas de equitação européas”. Nesse texto, Klinger (1914, p. 108) abordou que “a equitação militar alemã funda-se no nosso ótimo novo regulamento de 29-6-1912, repassado de espírito moderno”. Era mais um artigo que corrobora a visão de que o modelo alemão influenciava a escrituração dos manuais brasileiros.

O Noticiário publicou aspectos do serviço sanitário alemão, números do orçamento militar prussiano, a inspeção da instrução de um Exército de Campanha alemão, a formação das companhias alemãs de ciclistas, a organização da Escola de tiro da infantaria alemã, a criação de baterias alemãs de Artilharia de Campanha, a sucessão no Ministro da Guerra alemão, novidades que se justificariam meses mais tarde. Esse aumento de estrutura alemã era empolgante para o debate pró-Alemanha.

Já o Noticiário do Boletim, de março de 1914 (n. 3, v. 7), tratou da Lei contra espionagem na Alemanha, do estado das fortificações alemãs, do correio aéreo alemão, da modernização das baterias de obuses e da promoção de oficiais franceses. Ou seja, naquilo que atualmente se sabe que era mobilização pré-guerra, o Boletim prestava muito mais informações sobre a evolução militar alemã do que a francesa.

O Boletim de junho de 1914 (n. 6, v. 7) abarcou textos pró-franceses e pró-alemães. O Relatório do Tenente –Coronel Vieira Leal indicou que a criação da arma de Engenharia teve a organização da Alemanha como norma e exemplo. Outro artigo, denominado “O Alto Commando”, assinado pelo Adido do Brasil na França, tratou da estruturação do Exército francês.

O primeiro número do oitavo volume continha a contribuição “Preparação para a Academia de Guerra de Berlim”, texto traduzido do alemão por Bertholdo Klinger que abrangeu dicas sobre como passar no exame de admissão àquela Academia. No

REFERÊNCIAS DO ARTIGO: MATOS, Sérgio Ricardo Reis; ZARY, Julio Cezar Fidalgo. A Revista do Exército Brasileiro no alvorecer da Primeira Guerra Mundial. **Revista do Exército Brasileiro**, v. 150, 3º quadrimestre de 2014. pp.60-72. Disponível em: <<http://pt.calameo.com/read/003485864acf4aa86fe21>>.

debate em tela, verifica-se a tendência do oficial que realizou cursos ou trabalhou na Alemanha ou na França ser formador de opinião sobre qual missão ou doutrina adotar. Ao publicar a forma de ingresso à Academia Alemã, Klinger estava, intencionalmente ou não, capacitando adeptos à sua aspiração pró-germânica no debate.

As Notas editoriais de setembro de 1914 (n. 3, v. 8), assinadas pelo General Faria, trataram da Guerra na Europa. O texto é descritivo: não há evidências sobre qual o posicionamento do Estado-Maior entre os beligerantes. O editorial iniciou com considerações diplomáticas e apresentou as tropas em presença.

A seção Noticiário divulgou o Decreto n. 11.038, de 4 de agosto de 1914, em que o Presidente Hermes da Fonseca mandou que fosse observada completa neutralidade enquanto durasse o estado de guerra entre o Império alemão e República da França.

Já no número 5 do volume 8, de novembro de 1914, o Tenente Figueiredo publicou o artigo “A cavalaria de exercito e a infantaria associada”, tradução da doutrina alemã, enquanto o Noticiário publicou experimentações doutrinárias de projéteis de iluminação na Alemanha, assim como o fato de o Estado-Maior alemão haver enviado ao Estado-Maior brasileiro a lista de oficiais mortos e extraviados na guerra. Mesmo depois da declaração de neutralidade, o Boletim manteve a divulgação da doutrina e das notícias majoritariamente pró-Alemanha.

4. CONCLUSÕES

A análise do debate doutrinário militar brasileiro, presente na Revista do Exército Brasileiro, nos anos imediatamente anteriores à eclosão da I Guerra Mundial, foi o objeto deste trabalho.

Em suma, verificou-se que, à luz da publicação supramencionada, o debate, entre 1911 e 1914, mostrou-se majoritariamente simpatizante para com a doutrina militar alemã, a despeito das publicações acerca do Exército francês. A razão desta ocorrência deveu-se ao fato de que os militares que realizaram curso no Império Alemão, entre 1906 e 1910, estavam ocupando funções-chave no Estado-Maior do Exército nacional durante a década de 1910, bem como procuraram influenciar os demais, por meio de diversos artigos impressos, desde 1911.

REFERÊNCIAS DO ARTIGO: MATOS, Sérgio Ricardo Reis; ZARY, Julio Cezar Fidalgo. A Revista do Exército Brasileiro no alvorecer da Primeira Guerra Mundial. **Revista do Exército Brasileiro**, v. 150, 3º quadrimestre de 2014. pp.60-72. Disponível em: <<http://pt.calameo.com/read/003485864acf4aa86fe21>>.

Ademais, os artigos que referenciavam o Exército francês, invariavelmente aludiam aos ensinamentos concernentes à doutrina logística francesa, bem como aos da área de saúde em campanha, consideradas estado da arte. Por outro lado, os artigos de referência do Exército alemão abarcavam assuntos diversos, nos quais a supremacia alemã era evidente, tanto no nível tático quanto no estratégico, suplantando, numericamente, os aludidos ao Exército do General Joffre.

Logo, nota-se que a oportunidade de missões no exterior, como fora a dos jovens turcos na Alemanha, durante quatro anos, foi o vetor que orientou o debate no Estado-Maior, prioritariamente pró-Alemanha, nos aspectos de táticas de guerra, tais como o emprego da artilharia, da infantaria, da cavalaria e vários outros.

Por fim, deve-se destacar que apesar do interesse do oficialato em ler assuntos de revistas e livros franceses, a aproximação da eclosão da Grande Guerra deixou claro que o interesse em aprimorar o Exército Nacional, de acordo com o modelo alemão, era a única opção viável para o desenvolvimento da defesa nacional, de forma a ser determinante para a segurança e paz nacional, principalmente no contexto do entorno brasileiro.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Pedro Alcantara Cavalcanti. Defesa Nacional. **Boletim Mensal do Estado-Maior do Exército**, Rio de Janeiro, n. 3, v. 2, dez. 1911, p. 229-230.

ALSINA JR, João Paulo Soares. O poder militar como instrumento da política externa brasileira contemporânea. **Revista Brasileira de Política Internacional**, Brasília, v. 52, n. 2, Dez. 2009. p. 173-191.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

Boletim Mensal do Estado-Maior do Exército. **Editorial**. Rio de Janeiro, n. 1, v. 1, Imprensa Nacional, abril de 1911.

CARVALHO, José Murillo de. As Forças Armadas na Primeira República: o poder desestabilizador. In: FAUSTO, Boris. **História Geral da Civilização Brasileira**. São Paulo: DIFEL, 1977.

CHÉRADAME, Andrés. **El Plan Pangermanista desenmascarado**. Paris: Casa Editorial Garnier Hermanos, 1917.

COUTINHO, Octavio. Ligeiras considerações sobre o novo Regulamento de Exercícios para Infantaria. **Boletim Mensal do Estado-Maior do Exército**, Rio de Janeiro, n. 6, v. 3, set. 1912, p. 599-605; n. 3, v. 7, maio 1914, p. 173-189.

REFERÊNCIAS DO ARTIGO: MATOS, Sérgio Ricardo Reis; ZARY, Julio Cezar Fidalgo. A Revista do Exército Brasileiro no alvorecer da Primeira Guerra Mundial. **Revista do Exército Brasileiro**, v. 150, 3º quadrimestre de 2014. pp.60-72. Disponível em: <<http://pt.calameo.com/read/003485864acf4aa86fe21>>.

DOMINGOS, Manuel. A Disputa pela Missão que mudou o Exército. **Revista Estudos de História**, UNESP, São Paulo, v. 8, pp. 197-215, 2001.

KISSINGER, Henry. **La diplomacia**. 5. ed. Tradução de Mónica Uthilla. México: Fundo de Cultura Económica, 2000.

KLINGER, Bertholdo. As principais escolas de equitação europeas. **Boletim Mensal do Estado-Maior do Exército**, Rio de Janeiro, n. 1-2, v. 7, p. 37-45; 99-109, 1914.

LIMA, Flávio. A segurança na Europa Centro-oriental: uma breve visão histórica. In: MEI, Eduardo; SAINT-PIERRE, Héctor Luis. **Paz e guerra: defesa e segurança entre as nações**. São Paulo: UNESP, 2013. p. 233-270.

LUNA, Cristina Monteiro de Andrada. Pela vinda da Missão Militar Alemã ao Brasil. **ANAI DAS JORNADAS DE 2007**. Programa de Pós-Graduação em História Social da UFRJ. Rio de Janeiro, 2007.

MCCANN, Frank D. **Soldados da Pátria: história do Exército Brasileiro (1889-1937)**. Rio de Janeiro: Bibliex, 2009.

MENDONÇA, Valterian Braga. **A Experiência Estratégica Brasileira na Primeira Guerra Mundial, 1914-1918**. Dissertação de Mestrado em Ciência Política. Universidade Federal Fluminense, 2008.

PADILHA, Bernardo. A evolução da tática na Alemanha. **Boletim Mensal do Estado-Maior do Exército**, Rio de Janeiro, n. 4, v. 2, jan. 1912a, p. 321-325.

_____. A infantaria no combate. **Boletim Mensal do Estado-Maior do Exército**, Rio de Janeiro, n. 3, v. 3, jun. 1912b, p. 321-325.

_____. Pela infantaria. **Boletim Mensal do Estado-Maior do Exército**, Rio de Janeiro, n. 1, v. 3, abr. 1912c. p. 82-84.

PIRES, Livia Claro. A Liga Brasileira pelos Aliados e o Brasil na Primeira Guerra Mundial. **ANAI DO XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA (ANPUH)**. São Paulo, 2011.

RICUPERO, Rubens. Joaquim Nabuco e a nova diplomacia. **Política externa**. São Paulo, v. 14, n. 3, dez. 2005 / fev. 2006. p. 115-124.

SANTOS, Amílcar Salgado dos. **Brasil – Alemanha**. São Paulo, 1931.

SARMENTO, Emílio. As esquadras como elementos fundamentais da nossa infantaria. **Boletim Mensal do Estado-Maior do Exército**, Rio de Janeiro, n. 1, v. 1, abr. 1911. p. 34-37.

TRINDADE, Eduardo. Influência do método geológico no estudo da geografia militar. **Boletim Mensal do Estado-Maior do Exército**, Rio de Janeiro, n. 5, v. 1, ago. 1911. p. 388-394.

VINHOSA, Francisco Luiz Teixeira. **O Brasil e a Primeira Guerra Mundial: a Diplomacia Brasileira e as grandes potências**. Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1990.

REFERÊNCIAS DO ARTIGO: MATOS, Sérgio Ricardo Reis; ZARY, Julio Cezar Fidalgo. A Revista do Exército Brasileiro no alvorecer da Primeira Guerra Mundial. **Revista do Exército Brasileiro**, v. 150, 3º quadrimestre de 2014. pp.60-72. Disponível em: <<http://pt.calameo.com/read/003485864acf4aa86fe21>>.

¹ Atualmente, as edições dessa Revista naquela década são consideradas raras. Existem exemplares na Biblioteca da Academia Militar das Agulhas Negras. No Acervo Histórico do Exército, somente é possível encontrar alguns exemplares. Nossos agradecimentos ao Maj Wagner e a sua equipe.

² Esse relatório se faz constar de três edições da publicação.

³ Há de se ressaltar que Padilha era conhecedor da doutrina alemã, como se vê em Padilha (1912a).

⁴ Em nossa inferência, quando se importa uma doutrina, também se importa aspectos culturais da “nação exportadora”, ao passo que a doutrina se firma em razão das características materiais de uma Força Armada.

⁵ Um do volume 3, dois do volume 4 e um do volume 5.

⁶ Este recorte de artigo de Coutinho (1912) foi publicado no número 3, volume 7, em 1914.